



A BIOLOGIA E O DIA A DIA: UM RELATO SOBRE COMO TORNAR O ENSINO MAIS PRÓXIMO E SIGNIFICATIVO

Isaac Ben-hur Gomes da Silva¹

Resumo

O estágio supervisionado é um período essencial durante a graduação, pois proporciona aos futuros licenciados a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar, participando de atividades que vão desde o reconhecimento do espaço educacional até a prática da regência em sala de aula. O estágio que realizei ocorreu entre os meses de outubro de 2024 a fevereiro de 2025, na Escola Estadual de Ensino Médio Félix de Azevedo, localizada no bairro Rodolfo Teófilo, em Fortaleza. As turmas envolvidas foram do 1º, e 3º ano do ensino médio, com a maioria das atividades ocorrendo no turno da manhã e algumas também no período da tarde. A escola possui, em média, sete salas de aula, uma biblioteca e um laboratório. Durante o estágio, foi possível observar a abordagem da professora e o comportamento dos alunos em relação às explicações fornecidas. Percebeu-se que os alunos ficavam mais atentos quando a professora utilizava exemplos do cotidiano deles. Essa observação despertou em mim uma curiosidade sobre como a biologia se relaciona com o dia a dia dos alunos e de que maneira isso pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Durante o estágio, participei de atividades como a observação das aulas, o acompanhamento das práticas pedagógicas e o apoio na organização de atividades didáticas. Através dessas observações, pude compreender melhor como os temas de biologia se relacionam com o dia a dia dos alunos. Em conclusão, essa experiência foi fundamental para reforçar a relevância de conectar os conteúdos à realidade dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo. Essa abordagem, além de estimular o interesse, facilita a compreensão e será uma estratégia essencial em minha futura carreira docente.

Palavras-chave : Aprendizagem. Cotidiano. Adaptação

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um momento marcante na formação docente, pois é nele que começamos a vivenciar, na prática, os desafios e as possibilidades da sala de aula. É o primeiro contato direto com a realidade escolar, onde aprendemos não apenas a transmitir conhecimento, mas também a lidar com diferentes situações e aprimorar nossa forma de ensinar. Mais do que um requisito acadêmico, essa experiência nos permite refletir sobre nosso papel como professores e sobre como o conhecimento científico e pedagógico se conecta ao dia a dia da educação. Nesse processo, começamos a dar significado à profissão e a enxergar a docência de maneira mais concreta, repensando estratégias e buscando alternativas para tornar a aprendizagem mais eficaz (Telles Rossato, 2023).

¹ Graduando, Ciências Biológicas, UECE, isaac.gomes@aluno.uece.br

Para que o estágio cumpra seu papel de conectar teoria e prática na formação do futuro professor, a interação entre o estagiário e o supervisor deve ser vista como um processo de co-aprendizagem (Sarti; Araujo, 2016). A aprendizagem, nesse contexto, é uma troca constante, onde o estagiário também tem a oportunidade de contribuir para o crescimento do professor regente, isso acontece porque o estagiário traz consigo o contato com metodologias ativas e inovadoras, aprendidas nas disciplinas pedagógicas da universidade, o que enriquece a prática docente no cotidiano da escola (Preste; Silva 2019).

Ensinar Biologia vai além da simples transmissão de conhecimentos, pois envolve um desafio delicado: o professor precisa lidar com termos científicos que, muitas vezes, parecem distantes da realidade dos alunos. Essas palavras, muitas vezes complexas e pouco usuais no dia a dia, podem criar uma barreira entre o conteúdo e o interesse da turma (Duré; Andrade; Abílio, 2018). O processo de ensino-aprendizagem é, portanto, uma via de mão dupla: enquanto o professor busca apresentar novos conceitos, os alunos trazem consigo um universo de vivências e saberes adquiridos ao longo de suas experiências de vida. Esses conhecimentos prévios são valiosos, mas também podem vir acompanhados de resistências ou desinteresse diante do que é novo (Duré; Andrade; Abílio, 2018).

É importante destacar que, devido à natureza dinâmica da educação, não existe uma fórmula única para uma aula perfeita. Cada situação exige a adaptação das estratégias de ensino, levando em conta as necessidades e particularidades do momento (Oliveira; Cunha, 2006).

Durante o estágio, pude perceber a importância do ensino de Biologia: quando os conteúdos científicos são conectados ao dia a dia dos alunos, a aprendizagem ganha vida. Não se trata apenas de ensinar sobre células, DNA ou ecossistemas; é sobre mostrar que a Biologia está presente no café da manhã, na água que bebemos, no ar que respiramos e até nas conversas sobre saúde e meio ambiente. Essa conexão entre a ciência e a vida real é o que transforma o aprendizado em algo significativo e memorável.

Essa ideia não é nova. Grandes pensadores como Jean Piaget (2003) e Lev Vygotsky (2007) já nos mostravam que o conhecimento não é algo que simplesmente “entra” na cabeça dos alunos. Pelo contrário, ele é construído a partir das interações com o mundo. Piaget, por exemplo, nos ensinou que aprendemos melhor quando conseguimos relacionar o novo com o que já conhecemos. Imagine um aluno que estuda fotossíntese e, de repente, percebe que esse processo acontece nas folhas da árvore que ele vê todos os dias no caminho da escola. É quando a Biologia deixa de ser uma matéria difícil e distante para se tornar uma ferramenta que ajuda.

Mas, é claro, nem tudo é simples. Conectar a Biologia ao cotidiano dos alunos envolve desafios. Como falar de biotecnologia para quem nunca entrou em um laboratório? Como discutir sustentabilidade em uma realidade onde o lixo ainda é jogado na rua? Essas são questões que nos fazem refletir sobre o papel do professor: não apenas como transmissor de conhecimento, mas como mediador que ajuda os alunos a enxergarem a ciência como algo próximo, útil e transformador. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar os benefícios de uma abordagem metodológica no ensino que aproxime os conceitos biológicos do cotidiano dos estudantes a partir de uma experiência vivenciada no estágio supervisionado obrigatório de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Contextualização do Estágio

A escola, que podemos ver na Figura 1, conta com 305 alunos matriculados no ensino médio. Ela oferece uma infraestrutura com recursos como quadra, refeitório, biblioteca equipada com computadores e projetor, um laboratório, sete salas de aula (que não são climatizadas), uma sala para professores, um auditório e uma área verde para os estudantes. A maioria dos alunos vive no próprio bairro da escola, o que aproxima ainda mais a comunidade.

Durante o estágio, tive a oportunidade de acompanhar três turmas do Ensino Médio: 2º e 3º anos, cada uma com cerca de 35 alunos. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, e minha atuação aconteceu às segundas-feiras, nos dois períodos, e às terças-feiras pela manhã, com horários das 07:00 às 11:50 e das 13:20 às 17:50.

Os conteúdos trabalhados, seguiram uma sequência que facilitasse a adaptação dos alunos. No início, os estudantes, que haviam concluído recentemente o Ensino Fundamental, foram introduzidos ao conceito de Biologia e ao método científico. Em seguida, os alunos do segundo ano estudaram os cinco reinos, revisando conceitos básicos sobre tipos celulares (unicelulares e multicelulares) e modos de nutrição (autotróficos e heterotróficos). No terceiro ano, o tema inicial foi Genética. No entanto, antes de aprofundar os conteúdos, foi essencial retomar conceitos fundamentais, como o que é uma célula, onde o DNA está localizado, o que é um gene e qual o foco de estudo da Genética.



Figura 1. Fonte: Google maps acesso, em 03/02/2025

2.2 Biologia no cotidiano

Para dar início às observações no segundo ano, foi elaborado um planejamento estruturado em 2 aulas, buscando uma abordagem didática e utilizando conceitos de biologia do dia a dia deles, relacionado aos conteúdos. Na primeira aula, o objetivo foi introduzir o conceito de reinos biológicos, partindo da pergunta: "Por que os seres vivos são divididos nesses reinos?". Durante a explicação, também foram trabalhadas noções fundamentais sobre unicelularidade e pluricelularidade, organismos autotróficos e heterotróficos, parasitismo e vida livre, além da diferença entre procariontes e eucariontes.

Na segunda aula, o foco foi aprofundar o estudo dos reinos biológicos, destacando suas principais características. A aula contou com uma abordagem mais detalhada sobre cada um dos reinos, utilizando esquemas e associações para facilitar a memorização e a compreensão das diferenças entre os grupos.

2.3 Observação da prática docente

A aula foi planejada para a turma do 2º ano do Ensino Médio, com o objetivo de explorar a classificação dos seres vivos e destacar as principais diferenças entre eles. Para começar, a professora fez uma pergunta provocativa para aguçar a curiosidade dos alunos: "Vocês já pararam para pensar em quantos tipos de seres vivos existem ao nosso redor e como conseguimos classificá-los?" Depois, foi projetado algumas imagens de diferentes seres vivos – uma árvore, um cachorro, um fungo, uma bactéria ao microscópio e um protozoário – e foi pedido para os alunos observassem e comentassem o que eles achavam sobre esses organismos, em busca de semelhanças e diferenças. Isso nos ajudou a introduzir o conceito de reinos biológicos, explicando que essa divisão serve para organizar os seres vivos de acordo com características semelhantes e facilitar o estudo das suas interações com o ambiente.

Em seguida, foi mostrado a classificação dos cinco reinos, ilustrando cada um com exemplos práticos e próximos da realidade dos alunos. Foi falado sobre o Reino Monera, que inclui as bactérias e arqueas, e citando as bactérias que estão no iogurte e no nosso intestino. Para o Reino Protista, que abrange protozoários e algas, foi usado o exemplo da ameba encontrada em água suja e das algas utilizadas na culinária, como aquelas do sushi. Quando chegou no Reino Fungi, foi discutido sobre o mofo no pão e os cogumelos que eles poderiam ver na pizza. Para o Reino Plantae, foi mostrado um exemplo simples e familiar, como o feijão germinado, algo que muitos já fizeram como experimento escolar. Por último, para o Reino Animalia, foi mencionado os animais que todos conhecem: os cachorros, os gatos e até nós mesmos. Durante essas explicações, os alunos foram incentivados a conectarem com o conteúdo, perguntando: "Quem já percebeu o mofo no pão?" ou "Sabiam que ao comer iogurte, estão consumindo bilhões de bactérias?" Isso ajudou a tornar o conteúdo mais concreto e relevante para o dia a dia deles.

Posteriormente os reinos, foi passado para as principais diferenças entre os seres vivos. O primeiro ponto foi a diferença entre unicelulares e pluricelulares, que os unicelulares são compostos por uma única célula, como as bactérias e os protozoários, enquanto os pluricelulares, como as plantas e os animais, possuem muitas células. Para facilitar o entendimento, foi feita a pergunta: "Se um organismo tem só uma célula, será que ele pode crescer muito?" Em seguida, sobre a distinção entre autótrofos e heterótrofos. Os autótrofos, que produzem seu próprio alimento, como as plantas, foram explicados com o exemplo da fotossíntese. Já os heterótrofos, que precisam de outros organismos para se alimentar, foram relacionados aos hábitos alimentares dos alunos, como comer arroz, carne ou frutas. Para ilustrar, foi perguntado: "Se as plantas produzem seu próprio alimento, por que os animais não conseguem fazer o mesmo?"

Depois, discutimos a diferença entre parasitas e seres de vida livre, foi explicado que os parasitas, como o piolho ou o plasmódio que causa a malária, dependem de outro ser vivo para sobreviver, enquanto os seres de vida livre, como as minhocas, vivem independentemente. Foi perguntado para os alunos pensarem: "Vocês já tiveram piolho? Como a gente pode evitar esses parasitas?" Isso gerou uma discussão interessante sobre cuidados de higiene.

Por último, foi abordado a diferença entre procariontes e eucariontes. Os procariontes, como as bactérias, não têm núcleo definido, e os eucariontes, como as células humanas, têm um núcleo organizado. Para ajudar a entender, foi perguntado: "Se as bactérias não têm núcleo, como elas conseguem sobreviver e se reproduzir?" Essa pergunta provocou algumas boas reflexões e comparações.

A aula foi finalizada com uma reflexão: "Da próxima vez que vocês comerem iogurte, verem um cachorro ou pisarem numa poça d'água, lembrem-se de que estão cercados por seres vivos de diferentes reinos!".

A aula do terceiro ano teve como foco principal a estrutura da célula, abordando suas principais organelas e funções. Para tornar o conteúdo mais acessível e interessante, foram utilizadas analogias com elementos do dia a dia dos alunos, como a escola, a cantina, os correios e a equipe de limpeza. A aula começou com uma breve explicação sobre o que é uma célula e sua importância como unidade básica da vida, destacando que todos os seres vivos são formados por células e que elas funcionam como "pequenas fábricas" cheias de partes especializadas.

Cada organela foi explicada de forma detalhada, com exemplos práticos: a membrana celular foi comparada ao portão da escola, que controla a entrada e saída de pessoas; o núcleo, ao diretor da escola, que comanda todas as atividades e guarda as informações importantes (DNA); das mitocôndrias, à cantina da escola, que fornece energia para os alunos; os ribossomos, às cozinheiras da cantina, que preparam a "comida" (proteínas) da célula; o retículo endoplasmático, aos correios, que transportam materiais dentro da célula; o complexo de Golgi, à embalagem de presentes, que empacota e envia proteínas para onde são necessárias; os lisossomos, à equipe de limpeza da escola, que remove o lixo e mantém o ambiente organizado; o citoplasma, ao pátio da escola, onde todas as atividades acontecem; e os cloroplastos (em células vegetais), a painéis solares, que captam luz solar para produzir energia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita do meu relato sobre a biologia no dia a dia dos alunos, percebi o quanto a biologia está bem presente na nossa vida do que imaginamos. Aprendi que, muitas vezes, não damos a devida atenção a processos como a fermentação que acontece no pão e no iogurte ou como os microrganismos ajudam na nossa saúde. Quando a professora fazia essas conexões com o nosso cotidiano, ficava muito mais fácil entender e até interessava os alunos pelo assunto. Descobri que perguntas simples, como "Por que a gente suar no calor?" ou "Como o nosso corpo usa o que comemos?", fazem a gente refletir de um jeito que torna o aprendizado muito mais próximo da nossa realidade. Isso me fez entender que a biologia está o tempo todo ao nosso redor, nos conectando com a natureza e com o funcionamento do nosso próprio corpo, por tanto é uma metodologia muito importante para o desenvolvimento educacional.

REFERÊNCIAS

DURÉ, R. C.; ANDRADE, M. J. D.; ABÍLIO, FRANCISO J. P. Ensino de biologia e contextualização do conteúdo: quais temas o aluno de ensino médio relaciona com o seu cotidiano? *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/231/209>. Acesso em: [03 de fevereiro].

PIAGET, J. Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Tradução de Francisco M. Guimarães. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. *Revista de Educación a Distancia*. Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 2 jun. 2015

PRESTES, A. L.; SILVA, A. C. P. D. A relação professor regente-estagiário e o uso do livro didático. Londrina, p. 39-47, 2019. Trabalho apresentado no 3º Encontro do Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, 2019, [Londrina, PR]. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/estagiar/article/view/2011/1879>. Acesso em: 07 fev 2025.

SARTI, F. M.; ARAÚJO, S. R. P. M. Acolhimento no estágio supervisionado: entre modelos e possibilidades para a formação docente. *Educação*, v. 39, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/19415/14795>. Acesso em: 06 fev 2025

TELES, S. M.; ROSSATO, M. O estágio supervisionado como espaço de produção de significados sobre a profissão docente. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 15, n. 44, p. 48-65, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1790/779>. Acesso em: 06 fev 2025.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 06 fev 2025.